

“A ferida de ser e de existir”: o erotismo trágico em *Tu não te moves de ti*, de Hilda Hilst

Andréa Jamilly Rodrigues Leitão⁴⁴

Resumo

O presente trabalho pretende verificar de que modo o erotismo trágico, como chave de interpretação, manifesta-se no processo de composição da obra *Tu não te moves de ti* (1980), de Hilda Hilst, principalmente em relação a “Matamoros (da fantasia)”, a segunda narrativa que integra o livro. Um traço bastante peculiar da obra da escritora paulista é a eloquência com que as experiências eróticas são atravessadas por imagens que remetem à morte e à desordem do corpo em seus extremos e excessos. Parte-se, sobretudo, das formulações de Georges Bataille (1987, 2017) para compreender a forte ligação existente entre o ímpeto erótico e a consciência da morte. Apropriando-se do imaginário grego, o filósofo francês concebe o que denominou de erotismo trágico, conjugando-se não apenas com a consciência da morte, mas também com a desmesura, a violência e a transgressão dos interditos. A narrativa remonta a tempos antigos em uma pequena aldeia, envolvendo um possível triângulo amoroso entre a personagem de Maria Matamoros, do seu amante “Meu” e da sua mãe Haiága. Neste sentido, a paixão adquire matizes agônicos, na medida em que é assombrada pelo sentimento do ciúme. Este conduz, por sua vez, a um espectro de violência, de destruição e de morte. Sob a perspectiva do erotismo trágico, a prosa de Hilda Hilst, ao colocar em questão a ferida carnal que acomete os seres amantes, opera a afirmação da condição humana em toda a sua violência dionisíaca, a qual arrasta as personagens em direção à dissolução dos limites e à orgia do aniquilamento.

Palavras-chave

ciúme; erotismo trágico; morte; violência; Hilda Hilst

44 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP).
E-mail: andrealeitao@usp.br.

Hilda Hilst (1930-2004) já era reconhecida pela sua poesia e possuía uma intensa produção teatral quando decidiu investir na prosa de ficção. Nesse campo, a escritora revela o esgotamento das formas literárias canonizadas e das palavras do trato comum, as quais não conseguem capturar o inefável da experiência humana. A complexidade dos seus textos exige a abertura para novas formas de encarar a natureza do discurso ficcional e novas possibilidades de pensar o mundo. Nesse contexto, o recorte da presente pesquisa para o doutorado pretende investigar de que modo a obra *Tu não te moves de ti* (1980), em especial a narrativa “Matamoros (da fantasia)”, figura a questão do erotismo trágico na sua construção.

Um traço bastante peculiar de sua obra é eloquência na forma como as experiências eróticas são atravessadas pela morte e por uma desordem do corpo em seus extremos e excessos. Para José Castello (1994), a literatura de Hilda Hilst “mexe com as duas últimas fronteiras da modernidade: paixão e morte”. Com efeito, o erotismo abre-se para pensar a condição humana no esgarçar de todos os limites, correlacionando-se com os signos da finitude e do desregramento. Este fato percorre não somente o domínio da prosa, mas também o da poética. Em *Da morte. Odes mínimas*⁴⁵, obra lançada também em 1980, os poemas sugerem uma aproximação carnal, ou melhor, um encontro erótico entre os seres humanos, os “consortes do tempo”, e a sua “dura hora”, mas, ao mesmo tempo, a “amada morte”⁴⁶. As personagens hilstianas entregam-se à morte em um movimento de desnudamento em direção aos seus abismos mais obscuros e imperscrutáveis.

Parte-se aqui das formulações teóricas de Georges Bataille (1987, 2017) para compreender a forte ligação existente entre o ímpeto erótico e a consciência da morte. Em *As lágrimas de Eros* (1961), o filósofo francês concebe, em diálogo com o imaginário grego, o que chamou de “erotismo trágico”, atrelado a uma consciência da morte. Fato este que permite diferenciar o arrebatamento erótico do homem do enlace puramente sexual do animal, uma vez que lança os indivíduos reflexivamente para fora de si mesmos e da imanência da natureza, inscrevendo-os em um irremediável sentimento de descontinuidade. O erotismo põe em questão umas das facetas da “vida interior” do homem; afinal, como afirma na sua obra seminal *O*

45 Tal como este livro, *A obscena senhora D* e *Com os meus olhos de cão* foram dedicados à memória de Ernest Becker, autor de *A negação da morte* (1973).

46 Versos pertencentes ao segmento II do primeiro conjunto de poemas que integra a obra poética (HILST, 2017, p. 316-317).

erotismo (1957), “*é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão*” (BATAILLE, 2017, p. 53, grifo do autor).

Na apresentação à obra, o filósofo assinala que “o sentido desse livro é, em primeiro lugar, abrir a consciência à identidade da ‘*petite mort*’ e de uma ‘morte definitiva’. Da volúpia, do delírio ao horror sem limites” (BATAILLE, 1987, p. 577, tradução nossa). A “*petite mort*” – termo cunhado no século XVI pelo cirurgião Ambroise Paré para se referir ao espasmo provocado pelo gozo e o orgasmo – convoca os amantes a transgredir os contornos dos corpos. O erotismo trágico encarna a violência do frenesi erótico, assim como abarca a experiência ambígua do ser humano, aludindo a extremos que se tangenciam: risos e lágrimas, volúpia e horror, vida e morte. Em similar articulação, Octavio Paz (1994, p. 19) sustenta em seu clássico ensaio: “dupla face do erotismo: a fascinação diante da vida e diante da morte”.

Bataille manifesta a dimensão “diabólica” do erotismo que, sob uma experiência aguda de violência que se dá no próprio corpo, foge ao curso habitual das coisas e opera a abertura para o furor dionisíaco das paixões e à dissolução vertiginosa dos corpos. Bataille parte de uma noção de erotismo anterior ao advento do Cristianismo e de todas as suas interdições sobre o corpo. O filósofo chega a considerar a noção de um erotismo religioso, a saber, a “religião orgíaca de Dionisos”. Este é o deus do vinho, da festa e da transgressão, por excelência:

o culto de Dionísio foi trágico. Ele foi ao mesmo tempo erótico, ele foi em uma desordem delirante, mas nós sabemos que, na medida em que o culto de Dionísio foi erótico, ele foi trágico... Antes de mais nada ele foi trágico, e é em um horror trágico que o erotismo acabou por fazê-lo entrar (BATAILLE, 1987, p. 606, tradução nossa).

Simultaneamente, trágico e erótico, visto que ambos são da ordem do excesso, da embriaguez, da desmesura e da dissolução. Ao contrário de um Eros platônico e das suas aspirações à imortalidade, Eros batailliano é antes de tudo um deus trágico, ligado à perda de si e à orgia do aniquilamento. De um modo geral, a experiência erótica perfaz o limiar da morte, como uma entrega sem reservas ou ainda uma ausência total de limites, de modo a convergir para realidades que excedem o humano.

Em *Tu não te moves de ti* há três narrativas intituladas “Tadeu (da razão)”, “Matamoros (da fantasia)” e “Axelrod (da proporção)”, respectivamente. A segunda narrativa remonta a tempos antigos em uma pequena aldeia, envolvendo a personagem Maria Matamoros, o seu amante apenas identificado como “Meu” e a sua mãe Haiága, da qual desconfia de uma possível traição. A relação amorosa por si só já é assombrada pela imagem da violência e da morte. Desde muito nova, Maria expõe-se à prática voluptuosa do “tocar de qualquer, o tocar de muitos, o tocar sem nome” (HILST, 2018, p. 370).⁴⁷

A dimensão carnal assume uma importância fundamental, de sorte que o enredo contém trechos descritivos de matizes e de sinestésias do mais vivaz erotismo: “cada noite era noite de abraço, de mastigar e de lambar a carne, de cheiro gosma de casuarinas, o escorrer vermelho, ferido, mas membrana de amora” (p. 376). Amplificando-se na sugestiva imagem do “escorrer vermelho” de um corpo “ferido”, a violência dionisíaca essencialmente erótica associa-se ao movimento de dissolução dos limites entre os amantes. Nessa direção, a experiência amorosa transmuta-se em uma verdadeira “noite de abraço”, diante da qual a potência misteriosa do ato erótico opera a fusão carnal a partir de um borramento dos “contornos” corpóreos: “Quando havia interesse, me falava, entre a alma de dois, entre dois corpos, podia anoitecer sobre os nossos contornos que não se percebia, que muitas coisas ainda haveríamos de calar e que nessa envoltura é que estaria o dizer” (p. 374).

Na narrativa hilstiana, o erotismo trágico manifesta-se, sobremaneira, em uma das facetas do excesso mais sombrias do ser humano: o ciúme. Maria Matamoros acredita que Haiága e Meu estão mantendo um sórdido relacionamento amoroso às escondidas. Somente de imaginar a possibilidade de um simples toque das mãos de Haiága no seu amado, Maria já se sente invadida por tal sentimento, com a mesma intensidade de uma entrega à paixão e aos seus desígnios enigmáticos:

tive ciúme tamanho da possível ternura de velhice, como Haiága deveria tocá-lo se o tocasse, examinei-lhe as mãos e surpreendi-me do afilado forte, dorso sem manchas, um claro de unhas, as mãos pendidas nem pareciam ter veias de tão lisas, olhando-as me detive nas ancas, que largas eram, que coisa

⁴⁷ A partir daqui as citações referentes às narrativas serão identificadas somente pelo número correspondente da página, valendo-se da seguinte edição: HILST, Hilda. *Da prosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v. 1.

desejável e espaçosa para um homem mover-se sobre elas, esfregar-se, contorná-las com aquelas grandes mãos que eram as mãos do meu homem, olhei minhas próprias ancas e vi pobreza, duras, estreitas, alta que sou, pensei, está bem que sejam como são, mas não estava de contentamento, alisei disfarçada meu encovado ventre, e de canto de olhos vi o de Haiága, um delicadíssimo redondo, curvatura de pequena maçã (p. 379).

Diante da não aparente velhice de Haiága, transvestida de um vigor lúbrico e sedutor, Maria é golpeada por um filete de tristeza incitado pelo ciúme. Como salienta Sigmund Freud (1996, p. 237), esse estado emocional “se compõe de pesar, do sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado, e da ferida narcísica, na medida em que esta é distinguível da outra ferida”. Matamoros deprecia-se e imputa-lhe, em termos físicos, uma posição de inferioridade quando comparada com a sua mãe, tendo em vista que o ciúme também alude a “sentimentos de inimizade contra o rival bem-sucedido, e de maior ou menor quantidade de autocrítica, que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito” (p. 237). Ainda que Meu representasse o seu inebriante presente de carne, o ciúme persiste em toda a sua pungência, eis o “dilaceramento ciumento” (p. 393), a ferida excruciante de Matamoros que se, por um lado, oferece-lhe o gozo da posse daquele que ama; por outro, lança-a no fundo abissal da insegurança: “que dádiva enxergá-lo, era meu esse homem, o encantado se fazendo carne, meu nas noites e fervoroso tanto, vinho e leite me sabia seu corpo, sim, meu nas noites e encolho-me ferida porque penso: de Haiága nas madrugadas?” (p. 381).

Em meio ao sofrimento lancinante de Maria, convém ressaltar a posição de Alva Martínez Teixeira (2015, p. 82), a qual defende que na prosa hilstiana há um “erotismo apocalítico, desesperado, onde o sexo, como defendem Sade, Bataille ou Quignard, é vizinho da morte, procurando perturbar o leitor e promover sentimentos contraditórios de compaixão e repulsão”. A morte e seus desdobramentos cruzam a paisagem amorosa à espreita dos amantes. O “erotismo apocalítico” ou, na designação de Bataille, o “erotismo trágico” enraíza-se no ímpeto furioso e mortal de destruição, seja desferido contra os seres envolvidos na cena erótica, seja contra si mesmo:

pensei morrer, disse vou morrer sim ficarão abraçados nos minutos primeiros, as caras tétricas, e muitos soluços nessa

noite de pios da minha morte, depois a alegria há de tomá-los, mas por pouco tempo porque meu espectro estará rondando casa e quarto, arrefecendo o instante de ladineza, entre os corpos dos dois estará Matamoros, nuvem gélida espalhando padecimento e perdição, não deixarei que sintam desnudez de nenhum, hão de tocar-se mas de espanto os dedos encolhidos saberão que tocaram o hórrido vazio, matéria de ninguém, eu noutro espaço, de risos hei de preencher a casa, risos que hão de ouvir tão perto nos caminhos do ouvido e tão longe e nos altos como se viessem de torres (p. 383).

O erótico é o domínio sobre o qual se abre o “hórrido vazio”, a “matéria de ninguém”, que, por seu caráter paradoxal, põe em jogo extremos inconciliáveis: alegria e padecimento, risos e perdição. Acometida de um “dilaceramento ciumento”, Maria arquiteta não apenas a sua vingança contra o casal no sentido de assombrá-lo, mas também adentra a perigosa esfera da transgressão de interditos ao desejar a morte da sua mãe: “Pensar a morte da mãe me fez aliviada, há de morrer como todos e se desejei a morte de mim por que me faria asco pensar morte de Haiága?” (p. 384).

A prosa de Hilda Hilst elabora uma densa reflexão a respeito dos limites da vida que demarcam o advento da morte, como se observa na seguinte fala de Haiága: “porque a vida esvai-se, por isso que nós os velhos gememos, cara partibular porque ao encontro do tempo, do limite, daqui a pouco Maria, estou com Deus cara a cara” (p. 378). Em suma, o erotismo trágico é capaz de encenar uma dimensão finita e angustiante da existência: “Não sentes então, numa soma final, que é mais dor do que alegria o existir?” (p. 402). Na passagem dissoluta do limite ao não limite, a experiência de Eros atravessa os insondáveis da vida e chega ao seu avesso, o não ser, a morte: “Do erotismo, é possível dizer que é a aprovação da vida até na morte” (BATAILLE, 2017, p. 35). Há um fascínio particular entre as tessituras da morte e do erotismo, em que a violência dionisíaca instaurada pelo encontro sexual ou, no caso pelo ciúme, desvela na nudez dilacerada dos amantes a convulsão da carne, a pulsante “ferida de ser e de existir”.

Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges. Les Larmes d'Éros. In: _____ *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1987. Tome X. p. 573-712.

_____. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CASTELLO, José. Potlatch, a maldição de Hilda Hilst. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 out. 1994.

FREUD, Sigmund. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo (1922). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 235-247. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

HILST, Hilda. *Da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Da prosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução de Wladir Dupont. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994.

TEIXEIRO, Alva Martínez. Refulgência, dor e maravilha. Os conceitos de tempo, deterioração, finitude e morte na obra de Hilda Hilst. In: *Busato, Susanna; Reguera, Nilze Maria Azeredo (Org.). Em torno de Hilda Hilst*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015. pp. 75-97.